

António Maria Martins Melo (coord.), *Actas do I Congresso Internacional «Humanismo Novilatino e Pedagogia (Gramáticas, Criações Maiores e Teatro)», Braga, Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Filosofia de Braga, 1999.*

Reúnem-se neste volume as comunicações apresentadas ao Congresso, subordinado ao tema em epígrafe, organizado pelo Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Filosofia de Braga — Universidade Católica Portuguesa, realizado em Braga, nos dias 23 e 24 de Abril de 1998. Pretendeu-se, com a realização deste evento, prestar homenagem à memória do insigne humanista P. António Freire, S. J.. De facto, as referências à figura do P. António Freire encontram-se dispersas um pouco por todo o volume, com particular incidência na comunicação inaugural da autoria de Manuel Losa, intitulada «O Humanista P. António Freire, S. J.», onde se traça um breve esboço biográfico e uma análise das principais obras do autor. Antecedendo o texto das comunicações do Congresso, encontramos uma «Bibliografia de António Freire, S. J.», organizada por António Melo, com divisão em quatro alíneas distintas: livros, opúsculos, artigos, recensões e crónicas (pp. 9-50).

As comunicações incidem sobre três grandes áreas temáticas, na primeira das quais se integra o estudo do humanismo novilatino, sobretudo no que concerne às preocupações pedagógico-didáticas dos mestres humanistas.

Américo da Costa Ramalho traz-nos ao convívio «Dois Humanistas da Companhia de Jesus: José de Anchieta (1534-1597) e Duarte de Sande (1547-1600)» (pp. 87-98), esclarecendo algumas questões menos bem tratadas quer da vida quer da obra de ambos.

Sebastião Tavares de Pinho («Aires Barbosa, Pedagogo e Poeta», pp. 131-149) mostra-nos as preocupações didático-pedagógicas da produção literária de um dos primeiros grandes humanistas portugueses, o aveirense Aires Barbosa.

Nair de Nazaré Castro Soares («Humanismo e Pedagogia: O *De Regis Institutione et Disciplina* de D. Jerónimo Osório», pp. 179-216) põe em relevo a originalidade do tratado pedagógico de D. Jerónimo Osório em relação aos tratadistas anteriores, como Francesco Patrizi Senense ou Erasmo, que igualmente se ocuparam da temática da educação do príncipe. Afirma que o tratado de D. Jerónimo Osório, «pela concepção de príncipe ideal que apresenta e pelo modo como encara a problemática do homem ... exprime de forma admirável a dimensão do humanismo e da pedagogia em D. Jerónimo Osório e no Quinhentismo Português.» (p. 216).

O labor filológico do humanista português Martinho de Figueiredo, na edição do seu *Commentum* ao livro I da *Naturalis Historia* de Plínio-o-Velho, mereceu o estudo de Maria José de Araújo Ferreira Lopes («Martinho de Figueiredo editor crítico de Plínio? Algumas considerações sobre as perspectivas filológicas dos seus comentários», pp. 305-321).

Aires do Couto («Inácio de Morais – Um Humanista com preocupações pedagógicas», pp. 397-409) traça-nos o percurso de outro humanista português, Inácio de Morais, evidenciando, com base na análise de obras como *Dialecticae rudimentae* ou *M. T. Cicero Proaemium Rhetoricae ad Herennium ex prosa in carmen uersum*, as suas preocupações de natureza pedagógica enquanto professor de Humanidades.

O magistério do humanista Jerónimo Cardoso aparece retratado na comunicação de Telmo Verdelho («Jerónimo Cardoso e o Colégio de Santo Antão dos Jesuítas – Um episódio da pedagogia humanista», pp. 427-430). O episódio em causa diz respeito a «um convite dirigido por Jerónimo Cardoso ao Reitor do Colégio dos Jesuítas de Santo Antão, para um despique ou uma sabatina académica entre os seus estudantes.» (p. 428). Mostra o autor como a prática das «sabatinas» faz parte da pedagogia dos Jesuítas desde os primeiros tempos.

Uma segunda área temática deste volume abarca comunicações sobre as diferentes concepções de gramática latina, em particular por parte dos humanistas novilatinos.

E. Sánchez Salor («La gramática de Nebrija reformada», pp. 99-129) demonstra a influência dominante exercida, sobretudo em Espanha, pela célebre gramática de António de Nebrija. Apesar de vários gramáticos portugueses e castelhanos terem dirigido duras críticas à ‘Arte’ de António, postulando a substituição da gramática descritiva de *usus* por uma gramática racional, ainda assim, não encontraram melhor remédio do que introduzirem acrescentos e correcções, apresentando geralmente as gramáticas sob a autoridade de António de Nebrija; nas palavras de Sánchez Salor, trata-se «del intento de corregir a Nebrija desde el propio Nebrija» (p. 113). Sánchez Salor aporta inúmeros exemplos que revelam quão difícil foi, na prática, a reforma da gramática de António de Nebrija até se chegar às gramáticas racionais de finais do séc. XVI.

A obra *In Grammaticae Rudimentis Commentarii* de João Vaz é analisada, ainda que de ângulos diferenciados, por Santiago López Moreda («Los *In Grammaticae Rudimentis Commentarii*, de João Vaz. Concepto de *Elegantia*», pp. 217-235) e Joaquín Villalba Álvarez («Notas sobre los *Colores Rhetorici* en la obra de João Vaz», pp. 251-259). López Moreda, a partir da análise das regras respeitantes à *ordo* ou *constructio* (*elegantia*) conclui que a gramática de João Vaz, apesar de introduzir algumas inovações no plano pedagógico, não entra em ruptura com as concepções da gramática

descritiva de Nebrija, Pastrana e L. Valla. Villalba Álvarez acentua igualmente «el carácter eminentemente pedagógico y escolar» (p. 254) do manual do gramático lusitano e, após proceder à análise do livro II da gramática de João Vaz, no que concerne aos *colores rhetorici*, afirma que «podemos situar la obra de Vaz a medio camino entre la gramática inmediatamente anterior ... y la gramática racional del Renacimiento» (p. 259).

Manuel Mañas Núñez («Aproximación a la Sintaxis Latina de Manuel Álvarez», pp. 237-249) centra o seu estudo em determinados aspectos da *Sintaxis* de M. Álvares: «la oración como objeto de la sintaxis, los constituyentes de la oración simple, la oración transitiva y las de relativo.» (p. 240). E conclui que M. Álvares não inventa nada de novo, pois «la mayoría de sus reflexiones gramaticales se encontraban ya o en los gramáticos antiguos o en los humanistas» (p. 248). Ainda assim, o seu manual tem o mérito de ser a primeira gramática teórica e geral a impor-se nos centros docentes «y ello fue sólo posible por el didactismo descriptivo que Álvarez imprimió a los razonamientos lingüísticos.» (p. 249).

Num terceiro núcleo incluiremos as comunicações que têm por objecto o magistério dos Jesuítas, em particular o que concerne ao teatro escolar.

António Melo («O *Iosephus* de Luís da Cruz: um *exemplum* duma pedagogia empenhada», pp. 289-304) reflecte sobre o alcance do teatro jesuítico enquanto meio por excelência de formação cultural, moral e religiosa, tomando como ponto de partida a peça *Iosephus* de Luís da Cruz, o maior dramaturgo jesuíta português.

Uma outra obra de Luís da Cruz, agora uma comédia, é objecto da atenção de Manuel José de Sousa Barbosa («Teatro e pedagogia, uma estratégia do humanismo jesuítico: a *Vita-Humana* do P. Luís da Cruz», pp. 367-395). Manuel José Barbosa, depois de analisar a estrutura e conteúdo da comédia, refere que «como produto e reflexo duma prática escolar, a comédia *Vita-Humana* oferece-se como uma imitação de modelos da latinidade» (p. 388). De facto, Luís da Cruz coloca os recursos expressivos da obra dos dramaturgos latinos, nomeadamente Plauto e Terêncio, ao serviço duma moralização, inclusive, duma doutrinação.

José Sílvio Moreira Fernandes («O teatro escolar dos Jesuítas: a écloga *Gérion* do P. Lucas Pereira no contexto da pastoral dramática novilatina», pp. 411-417) vem demonstrar a inclusão da écloga *Gérion* «no padrão estético-literário de convergência dos códigos poéticos da pastoral dramática novilatina» (p. 413).

O ensino ministrado pelos homens da Companhia de Jesus no Colégio de San Pablo, em Granada, e nos colégios jesuítas do México é objecto de análise por parte de José António Sánchez Marín («La enseñanza en el Colegio de San Pablo de Granada y en México», pp. 333-347). Considera a

Recensões

Ratio Studiorum dos Colégios e, a partir de algumas publicações de membros destacados da Companhia, utilizadas na actividade docente, reflecte sobre a pedagogia jesuítica e sobre o papel dos Jesuítas no ensino e transmissão da cultura.

Maria Nieves Muñoz Martín («Sobre artes epistolares jesuíticas: los tratados de Bartolomé Bravo, Juan de Santiago y Bartolomé de Alcázar», pp. 349-366) aponta a importância que as artes epistolares jesuíticas assumiram na actividade docente da Companhia, analisando os manuais mais significativos. Afirma que «será sin embargo en la enseñanza llevada a cabo por los padres de la Compañía donde la utilización del escrito epistolar alcance sus máximas posibilidades pedagógicas y su plena potencialidad, al servicio de la adquisición de la perfecta elocuencia, en un sistema racionalmente estructurado.» (p. 352). Estabelece as relações entre a composição epistolar, que tinha na sua base o modelo ciceroniano, e o ensino da retórica.

Por fim, mencionaremos ainda três interessantes comunicações, cujo assunto se enquadra, *grosso modo*, nos estudos linguísticos.

Referimo-nos à comunicação de João Pedro Mendes («Perigos da etimologia», pp. 155-177) que reflecte sobre a importância e alcance da etimologia, e sobre a sua utilização tantas vezes abusiva e incorrecta.

Augusto Soares da Silva («Origem latina e evolução das construções causativas», pp. 269-288) procede à análise das construções causativas formadas pelos verbos *fazer*, *mandar* e *deixar* mais infinitivo, no Português e nas restantes línguas românicas. Procura mostrar a origem latina destas construções e respectiva evolução.

A comunicação de António Alberto Matos de Melo («A criação metafórica no léxico militar latino», pp. 321-332) vem demonstrar que uma parte substancial do vocabulário bélico latino é de natureza metafórica.

Em jeito de conclusão, congratulamo-nos pela publicação deste volume que acrescenta novos contributos para uma reflexão renovada sobre as estreitas relações entre o Humanismo novilatino e a Pedagogia. Consideramos a iniciativa do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Filosofia de Braga, Universidade Católica Portuguesa, louvável, a todos os níveis, e fazemos votos de que no futuro próximo lhe seja dado seguimento.

ANTÓNIO ANDRADE